

Gus

KIM
HOLDEN

Uma história
apaixonante
sobre o poder
do amor e
da música

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Gus

KIM

HOLDEN

Tradução

Regiane Winarski



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Kim Holden, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Regiane Winarski
Todos os direitos reservados.
Título original: *Gus*

Preparação: Marianna Muzzi
Revisão: Ricardo Liberal e Tamiris Sene
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli
Imagem de capa: donatas1205/ Shutterstock
Capa: Renata Vidal

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Holden, Kim
Gus / Kim Holden; tradução de Regiane Winarski. - São Paulo: Planeta
do Brasil, 2023.
336 p.

ISBN 978-85-422-2027-8

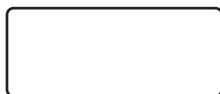
1. Ficção norte-americana I. Título II. Winarski, Regiane

22-6690

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro e Impresso pela
Gráfica para a Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2022.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Domingo, 22 de janeiro

(Gus)

Cada passo que dou é mais pesado do que o anterior. Não sei para onde estou indo, só sei que meu destino é uma quantidade entorpecedora de álcool.

Quando saio do gramado do cemitério para a calçada de concreto, sinto uma coisa se mexer no meu peito. A suavidade da dor endurece e vira raiva de novo. Está assim há dias. Dor. Raiva. Dor. Raiva. Dor... Raiva...

Não quero mais sentir. Estou cansado pra cacete.

Passei os últimos dias tentando afogar o luto em um quarto de motel barato no lado inquestionavelmente barra-pesada da cidade. Tem uma loja de bebidas ao lado que vende Jack e cigarros. É só disso que eu preciso.

Falando em cigarros, estou quase sem. Estou fumando o último agora. Ao pensar nisso, ouço a voz dela na minha cabeça dizendo: “Você devia parar”.

Eu respondo:

— Não começa a pegar no meu pé, Raio de Sol.

A mulher por quem passei na calçada desviou de mim de longe, o que me leva a acreditar que falei em voz alta. Passo a mão no rosto com esperança de apagar o delírio. Não adianta.

— Preciso dormir. — É, estou falando sozinho de novo. Não importa. Preciso de uma bebida.

Tem um bar na esquina. Parece escuro e sujo... perfeito.

Quando abro a porta, o fedor de cerveja velha, suor e fumaça de cigarro me atinge. Estou em casa. Pelo menos por algumas horas.

Enquanto ando na direção do balcão do bar, reparo que algumas pessoas de meia-idade estão me avaliando. A energia do lugar diz que aqueles são clientes regulares. É ali que eles bebem o dinheiro do aluguel e do supermercado diariamente. E estou invadindo. Olho para baixo e percebo que o terno e a gravata não ajudam. Afrouxo o nó da gravata e a puxo e enfio no bolso,

tiro o paletó e abro alguns botões da camisa, enquanto me sento em um banco na ponta do bar.

O barman me cumprimenta com um aceno de cabeça e coloca um guardanapo na minha frente enquanto enrolo as mangas.

Pego meu maço de cigarros enquanto peço.

— Jack. Pode fazer um duplo. — É hábito, o maço está vazio. Eu já sabia. — E um maço de Camel.

Ele não pede minha identidade e aponta para uma máquina de vendas no canto antes de pegar um copo e a garrafa de uísque. Desço do banco e compro dois maços de cigarro na máquina. Quando volto, minha bebida está me esperando.

Tem também uma mulher, que deve ter a idade da minha mãe. Aposto que ela era atraente vinte anos atrás, mas a brutalidade da vida difícil e das poucas escolhas estão evidentes nas rugas do seu rosto. Estico o braço ao redor dela para pegar minha bebida. Ela tem cheiro de perfume barato e de sexo mais barato ainda. Antes que eu consiga fugir, ela está falando.

Eu não quero conversar.

— O que uma coisinha bonita como você está fazendo em um lugar como este?

Por que não perguntar direto se estou a fim de uma trepada de cinquenta dólares ou um boquete de vinte, e pular a conversinha? Eu não respondo e me sento a três bancos de distância.

Ela chega um banco mais perto.

— Posso ajudar com alguma coisa, bonitão?

Suas mãos estão tremendo. Ela está atrás de dinheiro para a próxima dose. Eu não tocaria nela nem com uma vara de três metros, mas até fico com vontade de dar dinheiro para ela, porque consigo me identificar com a sua necessidade de fugir da realidade agora.

Apesar de sentir pena dela, não sou de manifestar nenhuma compaixão genuína. Eu abaixo e balanço a cabeça. Normalmente, não sou um babaca, mas hoje é diferente. Eu inclino a cabeça e a encaro.

— Você pode trazer os mortos de volta? Até que preciso de ajuda com isso.

Garanto que ela nunca ouviu isso antes. Ela está me olhando e piscando rápido, uma sucessão de piscadelas confusas.

Baixo o olhar para o copo com líquido âmbar que estou girando na minha mão direita e respondo minha própria pergunta.

— Foi o que pensei.

Viro o copo e bebo em dois goles. Coloco-o no bar de cabeça para baixo e faço sinal para o barman trazer outro antes de olhar para ela de novo.

— Me deixa em paz. — É uma ordem. O sorriso tenso me diz que ela já ouviu isso antes; provavelmente mais vezes do que o vício dela gostaria.

A solidão é minha companheira e nos damos muito bem, até o momento em que ficar sentado no banco se torna difícil. Não sei quanto tempo passou, mas sei que não é suficiente para abalar a dor no meu coração. Já tinha tomado dez ou doze doses duplas quando o barman se recusou a me servir mais. Quero gritar e dar um ataque de birra fenomenal, mas a verdade é que estou cansado demais para o drama. Minha visão está borrada, meus membros passaram do ponto de estarem dormentes e passei a um estado mecanicamente não cooperativo. Qualquer movimento é uma luta. Só preciso dormir, então deixo o cara chamar um táxi para mim.

O táxi me leva de volta ao hotel de beira de estrada. A subida da escada é lenta, trabalhosa e desajeitada. Não sei nem se fecho a porta antes de cambalear até a cama e cair de cara na colcha imunda. O cheiro é úmido e mofado: uma mistura nojenta de velhice, sujeira e só Deus sabe mais o quê. O quarto está girando, me sugando para um turbilhão de alívio vertiginoso, uma fuga do aqui e do agora. Não sei se o sono chega ou se meu corpo toma a decisão inconsciente de apagar. De qualquer maneira, fico agradecido.

Terça-feira, 24 de janeiro

(Gus)

Você já dormiu um dia inteiro? No sentido de adormecer e acordar e descobrir que um dia inteiro passou sem você testemunhar nem um minuto dele?

É lindo pra caralho... medicinal... sedativo. Eu não sonho. Bom, provavelmente sonho, mas nunca me lembro dos sonhos quando acordo. Eu nunca apreciei tanto esse dom quanto hoje de manhã. Foram mais de vinte e quatro horas de nada. Como falei... lindo pra caralho.

Lembro que a mãe da Raio de Sol, Janice, se enfurnava no quarto durante dias e dormia. Eu sempre achei que era triste... uma oportunidade desperdiçada. Agora, acho que entendo. Porque a última coisa que eu quero é levantar da cama, sair do quarto e enfrentar o que a vida preparou do outro lado daquela porta. Não tenho vergonha de admitir que estou me escondendo. Estou me escondendo pra cacete.

Depois de mijar, procuro meu paletó, que encontro em uma pilha ao lado da porta. Por dois segundos, penso no quanto odeio esta merda de terno. Tem menos de um ano e eu só o usei duas vezes, para os dois funerais das Sedgwicks. Vou queimar esta merda assim que o tirar. Reviro os bolsos atrás dos meus cigarros, do isqueiro e do celular.

Hesito com um olhar rápido ao redor antes de acender o cigarro. Não costumo fumar em ambientes fechados, mas o estado de degradação do quarto praticamente me implora para fazer isso.

Eu ligo o celular. Estava desligado havia dias, quando saí de casa, porque eu não queria falar com as pessoas... com ninguém. Falei com a minha mãe sobre o funeral por mensagem de texto e só. Já estou fazendo uma careta antes de ver o número de ligações perdidas, mensagens de texto e e-mails, porque sei que serão muitos.

Oitenta e sete ligações perdidas

Setenta e duas mensagens de texto

Trinta e sete e-mails

— Cara — eu digo, expirando em exasperação ou negação ou indiferença. Não consigo decidir qual no momento, então jogo o celular na cama e termino o cigarro, depois fumo outro... e outro. São quinze minutos de nada mais do que respirar meu vício. Não consigo parar de pensar nela. Nada específico, nada que eu consiga visualizar ou lembrar. É só dor e vazio. Escuridão. A luz, “a luz brilhante”, se apagou. Estou lutando para sugar a calma do cigarro a cada tragada; para afastar a escuridão.

A calma não vem.

Assim, eu pego a vida, o meu celular, de volta e vejo primeiro as ligações perdidas: minha mãe; meus colegas de banda: Franco, Robbie e Jamie; nosso produtor, o RSC (o Realizador de Sonhos do Caralho, seu nome real é Tom, mas ele adora quando o chamo de RSC); e o gerente da nossa turnê, Hitler (não é o nome dele de verdade, obviamente, mas combina com a tendência de insensibilidade dele. Nossa próxima turnê está suspensa. Aparentemente, na mente dele, a tal turnê e o poderoso dólar têm prioridade sobre nós ao lidarmos com doenças terminais e a morte de um ser humano.). O único

nome que quero ver, tanto por instinto quanto por egoísmo, não aparece. E nunca mais vai aparecer.

Pulo as mensagens de texto e os e-mails e ligo para a minha mãe. Ela atende no segundo toque.

— Gus, querido, onde você está? Você está bem?

Odeio ouvi-la preocupada assim, mas saber que minha fuga está piorando sua angústia torna tudo pior.

— Oi, mãe.

Ela repete:

— Onde você está? Sua picape ainda está na igreja.

— É, eu sei. Estou em um motel. — Minha garganta está seca e arranha enquanto eu falo.

— Gus, você devia vir para casa. — Minha mãe nunca foi de me dizer o que fazer. Dar sugestões. Com certeza. Mas me dizer o que fazer? Raramente acontece.

Eu não respondo.

Ela suspira.

— Querido, sei que é difícil...

Eu a interrompo.

— Difícil? Me diz que você não falou que isso é difícil, mãe, porque seria a piada do século. — Ela funga, e sei que está começando a chorar, o que me faz me sentir um merda, porque sei que estou catalisando isso. — Desculpa, mãe.

— Eu sei. — A dor que surge dessas duas palavras me lembra que estamos nisso juntos. Ela também sente falta dela.

Visto meu paletó e pego o isqueiro e os cigarros e os enfio no bolso.

— Estarei em casa em meia hora. Eu te amo.

— Eu te...

Eu encerro a ligação antes que ela consiga terminar.

Perco uma hora entre pagar a conta do motel, tomar um táxi até a igreja para pegar minha picape e chegar em casa. É hora do almoço.

Quando abro a porta da frente, o cheiro de alho e cebolas caramelizadas chega a mim. Tacos vegetarianos. Meu estômago ronca na hora. Não consigo lembrar quando foi a última vez que comi.

Beijo a testa da minha mãe quando passo pela cozinha.

— Preciso tirar este terno horrível. Já volto.

Quando volto, nós comemos em silêncio. Minha mãe é muito parecida com a Raio de Sol. Ou talvez a Raio de Sol fosse muito parecida com a minha mãe.

As duas entendiam o poder do silêncio. Algumas pessoas se sentem ameaçadas pelo silêncio e tentam evitá-lo ou preenchê-lo com baboseira desnecessária. O silêncio não é o inimigo. Ele pode trazer consolo, clareza e validação. É um lembrete do tempo pelo que é... presença. O que, infelizmente, não significa tanto quanto significava há uma semana.

Depois de comer oito tacos, meu estômago começa a pedir misericórdia.

— Obrigado pelos tacos, mãe.

Ela sorri, mas o sorriso não chega aos seus olhos.

— De nada. — Ela parece cansada. — A propósito, Franco passou aqui todos os dias para ver você.

É o jeito dela de me dizer para ligar para ele.

— Pode deixar, vou ligar para ele quando sair do chuveiro.

Depois de duas ligações (Franco e a porra do Hitler), estou pronto para jogar o telefone pela janela na porra do mar, subir na cama, puxar as cobertas por cima da minha cabeça e esquecer tudo. Vamos para a Europa na quinta de manhã para começar a turnê adiada. Nosso álbum de estreia, com o título da banda, Rook, vendeu bem nos Estados Unidos desde o lançamento no ano passado, mas não chega nem perto do sucesso que fez na Europa. Hitler mal pode esperar para nos levar para lá. Sei que sou um babaca ingrato e egoísta por não querer voltar para a turnê, mas a verdade mais sincera é que eu não sei nem mais como viver. Raio de Sol não era só a minha melhor amiga; ela era como minha outra metade... a outra metade do meu cérebro, a outra metade da minha consciência, a outra metade do meu senso de humor, a outra metade da minha criatividade, a outra metade do meu coração. Como é possível voltar a fazer o que se fazia antes quando metade de você se foi para sempre?

Quarta-feira, 25 de janeiro

(Gus)

É meu aniversário hoje. Estou fazendo vinte e dois anos. Mas me sinto como se tivesse oitenta e dois.

Minha mãe fez cupcakes para mim. Vinte e dois cupcakes de chocolate. Cada um com uma vela. Preciso soprar duas vezes para apagar todas.

Acho que meu pedido não vai se realizar.

Eu já sabia.

É o meu primeiro aniversário que eu quero pular. Quero voltar no tempo para o meu último aniversário. Raio de Sol e Gracie estavam aqui. E não quero dizer de forma metafórica. Elas estavam aqui fisicamente, nesta sala com a gente. Sorrindo, rindo e comendo cupcakes até passarem mal.

Estou sorrindo agora que estou pensando nelas, mas meu estômago está doendo.

Não quero comer cupcakes sem elas.

Não quero mais aniversários.

Não quero mais lembrar.

Odeio pra caralho lembrar.

Quinta-feira, 26 de janeiro

(Gus)

Sei que não botei roupas suficientes na mala, mas é tarde demais agora. Franco está me esperando na cozinha, conversando com a minha mãe. A gravadora mandou um carro, que está esperando na porta de casa para nos levar ao aeroporto. Nosso avião parte para a Alemanha em duas horas. Pego mais algumas cuecas e meias e as coloco na mala, onde passam a conviver com duas calças

jeans, três camisetas, o desodorante, a pasta e a escova de dentes, o laptop, a minha carteira, o passaporte e o celular.

Penduro a alça da bolsa no ombro e procuro os cigarros e o isqueiro no bolso da calça jeans. Não posso sair do quarto sem olhar para o laptop da Raio de Sol, que está intocado na minha cômoda há uma semana. Ela o deixou para mim. Está com todas as músicas que ela já escreveu. Sinto-me honrado de ficar com ele. Minha mente está gritando para eu voltar e pegá-lo, mas meu coração está alegando autoridade e me ordenando a ir embora sem ele. Não estou pronto. O CD que ela deixou para mim está em cima dele. Ela sabia que estava morrendo. Sei que é uma despedida e tenho certeza de que não estou pronto para isso. Apago a luz e sigo pelo corredor na direção da voz de Franco.

Franco levanta o queixo quando me vê.

— E aí, babaca?

Eu balanço a cabeça.

— Tudo normal, cuzão.

Minha mãe nem reage. É assim que Franco e eu sempre nos falamos. São expressões carinhosas. A verdade é que Franco é a única pessoa que sobrou na minha vida que vai me dizer as coisas exatamente como são, agora que Raio de Sol se foi. Sem meias-palavras, sem cortina de fumaça, só com sinceridade. Eu o amo por isso. Apesar da fachada de durão, com a cabeça raspada e as tatuagens, ele é uma manteiga derretida... com um sentimento forte de lealdade.

Ele aponta para a minha bolsa.

— Isso é tudo que você vai levar, cara? A gente vai passar dois meses fora.

Eu dou de ombros.

— E as minhas guitarras. Posso comprar mais durante a viagem quando eu precisar. Vamos nessa, cara.

Ele assente, e fico feliz de ele não tentar me psicanalisar. Ele abraça a minha mãe.

— Obrigado pelo café da manhã, sra. H. — Ele está pegando dois bolinhos grandes de mirtilo e enrolando em uma folha de papel-toalha.

Ela o abraça com força.

— Imagina. Se divirta lá, Franco.

— Pode deixar.

Quando ela me abraça, tenho vontade de desmoronar nos braços dela. De chorar como chorei quando tinha oito anos e quebrei o tornozelo. Mas não faço isso. Nós dois nos abraçamos por mais tempo do que o habitual e hesitamos em soltar um ao outro.

— Não deixe de ligar o sistema de segurança todas as noites que eu estiver fora — eu digo para ela.

O canto da boca da minha mãe sobe e sei que ela está fazendo cara de coragem por mim.

— Eu sempre ligo. Não se preocupe comigo. Vá ver o mundo, Gus. Estou muito orgulhosa de você.

Eu aceno com a cabeça. Elogios sempre me constrangeram, como se eu não fosse digno deles. Nas últimas semanas, me senti completamente indigno.

— Obrigado, mãe. Eu te amo.

Ela me beija na bochecha e me entrega bolinhos de mirtilo enrolados em papel-toalha.

— Eu também te amo, querido. Fique bem.

Normalmente, eu responderia com “Sempre”, mas não consigo dizer agora. Tenho a sensação de que seria uma traição prematura dos próximos dois meses do desconhecido. Não estou com vontade de ser cauteloso. Nem um pouco.

— Tchau, mãe.

— Tchau, Gus.



Sexta-feira, 27 de janeiro

(Gus)

É oficialmente sexta-feira quando pousamos em Berlim. Eu nunca viajei para fora dos Estados Unidos e logo entendo todo o rebuliço: a adaptação ao fuso horário é uma merda.

Saio me arrastando do avião, passamos pela alfândega e vamos para o hotel. O tempo não está do meu lado hoje. Temos reuniões ininterruptas antes do teste de som esta tarde e duas entrevistas antes do show da noite.

É difícil fazer cara de paisagem. Eu simplesmente odeio fingir. Sou péssimo nisso. Por isso, fico agradecido quando Hitler nos acompanha para todo lado. O sujeito ama o som da própria voz, e fico mais do que feliz de deixá-lo falar por nós durante as reuniões. A maioria é sobre coisas que ele

mesmo deveria resolver. E eu praticamente quero abraçar o sujeito quando ele instrui os dois entrevistadores a não fazerem perguntas pessoais. Não vou ter que enrolar quando perguntarem por que a turnê foi adiada, nem por que sumimos por um mês. Graças a Deus, porque eu provavelmente arrancaria a cabeça de alguém se o nome dela fosse mencionado. Digo o nome da Raio de Sol em pensamento um milhão de vezes por dia. Mas ouvir o nome dela de verdade, Kate Sedgwick, falado por um estranho que não a conheceu? Um jornalista fingindo preocupação ou solidariedade? Eu ficaria tentado a silenciá-lo com um soco.

O jantar é precedido e concluído com várias canecas de cerveja forte alemã.

Tem álcool suficiente no meu organismo para minha guitarra estar confortável nas minhas mãos quando subimos no palco e a plateia ser só uma mancha borrada de cor e movimento. Minha memória está próxima o suficiente de se perder para eu precisar me concentrar com tudo nos acordes que vou tocar e nas letras que vou cantar. Isso não deixa espaço para mais nada na minha mente por uma hora inteira. Parece que descobri a fórmula para aguentar: a combinação de quantidade excessivas de álcool e uma apresentação ao vivo. Magia.

Sexta-feira, 3 de fevereiro

(Gus)

Uma semana da turnê já se passou, e a distração da bebedeira e das apresentações não está funcionando mais. Acho que não fico sóbrio desde o dia em que chegamos deste lado da poça. Durante os primeiros dias, não pude dormir o suficiente. Nos últimos, eu não quis. Parece que nunca me canso de ficar sentado pensando nela: na gargalhada sempre presente, rouca e feminina; nas sardas leves no nariz e nas bochechas e nos ombros; no quanto ela amava ver o pôr do sol; no som da voz dela quando ela dizia “Eu te amo”; em como ela tocava o violino lindamente. Sei que estou obcecado de uma forma nada

saudável, mas tenho medo de que, se eu não continuar revirando-a na minha cabeça, vou esquecê-la. E esquecer me assusta pra caralho.

Franco acha que eu deveria ir ao médico. Talvez arranjar alguns comprimidos para dormir ou antidepressivos.

Acho que é uma solução covarde. Não vou começar a me encher de comprimidos para fugir da dor. A bebida é minha única estratégia. Algumas pessoas poderiam alegar que medicamentos seriam uma alternativa melhor, mas não gosto da ideia de dar carta branca a algum médico para me manipular com receitas. Se alguém vai me manipular... tem de ser eu mesmo.

Tento não pensar naquela noite com Raio de Sol. Tento não pensar nisso porque todo o resto perde a cor em comparação. Foi a melhor noite da minha vida. Eu não sabia que ia acontecer. Ela não sabia que ia acontecer. Mas, caramba, aconteceu. Então, já que estou deitado nesta cama no ônibus da turnê no meio da noite, atravessando o interior europeu, vou ceder ao acontecimento e revivê-lo em pensamento. Eu fecho os olhos e permito que as lembranças voltem.

Eu entro no quarto de hóspedes do corredor na mesma hora que Raio de Sol sai do banheiro próximo. Ela está escovando os dentes. Ela sempre faz outras coisas enquanto escova os dentes. No momento, ela está revirando a bolsa de viagem no chão.

— O que você está procurando? — eu pergunto. A imagem dela remexendo na bolsa me deixa triste. Ela fez a mala e está pronta para ir para Minnesota amanhã de manhã cedo. Não sei quando vou voltar a vê-la. Nunca passamos mais de um ou dois dias sem nos vermos, e mesmo isso é raro.

Ela muda a escova de dentes para o canto da boca e tenta falar apesar da quantidade de espuma da pasta de dentes.

— Pijama — ela diz. Pelo menos, é o que eu acho que ela diz. Ela se vira, corre para o banheiro, cospe a pasta e volta sorrindo. — Pijama — repete ela. — Acho que está na minha outra bolsa. A que já está no carro.

— Me dá a sua chave. Vou buscar — eu ofereço.

Ela balança a cabeça.

— Não precisa. Tudo bem. Fico sem. Você pode apagar a luz? — ela pergunta.

Vou sentir falta disso. Da nossa amizade. Da familiaridade. Ela sempre esteve aqui. Comigo. Nós fazemos tudo juntos. Desde que éramos crianças, todas as noites que passamos sob o mesmo teto, tivemos que dormir no mesmo quarto. Ou no meu quarto ou na sala, no sofá ou, mais recentemente, aqui no quarto de hóspedes nas últimas duas semanas. Sempre juntos. Porra, não sei como vou adormecer sem ela nos meus braços depois desta noite.